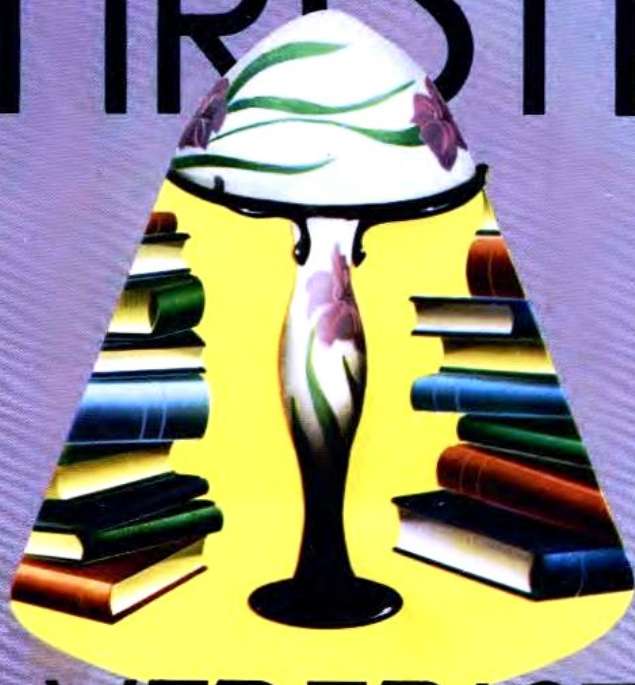




# AGATHA CHRISTIE



## O VEREDICTO



# O VEREDITO

## Agatha Christie

Agitada e doentia, 38 anos, Anya ainda conserva traços do antigo encanto. Entrevada agora numa cadeira de rodas, transformou-se numa mulher faladeira e queixosa, que não consegue evitar sentir-se um estorvo para o marido, o professor Karl Hendryk. Um dia, ela é encontrada morta em sua cadeira. Suicídio num momento de fraqueza ou desequilíbrio mental? Causa mortis: dose excessiva de stropatina. O veredicto permanece em aberto devido à insuficiência de dados quanto ao modo pelo qual a dose fatal teria sido ministrada. Agatha Christie cria um jogo diabólico de situações e tramas em que o leitor assiste fascinado, qual num teatro, à sua inimitável arte de inventar e solucionar mistérios.

Tradução de

BÁRBARA HELIODORA

EDITORA RECORD

1958

## **Nota da Tradutora**

Como em todos os textos teatrais ingleses, as referências à Direita e Esquerda são todas do ponto de vista do ator, não da platéia.

Para quaisquer indicações de movimento ou posição foram usados os termos comuns de teatro:

D = Direita

E = Esquerda

C = Centro

B = Baixo (frente do palco)

A = Alto (fundo do palco)

Acima = mais para o fundo do palco

Abaixo = mais para a frente do palco

Cruzar = andar na direção de

## **Sumário**

O Veredicto

**PERSONAGENS**

(Por ordem de entrada em cena)

LESTER COLE

SRA ROPER

LISA KOLETZKY

PROFESSOR KARL HENDRYK

DR. STONER ANYA

HENDRYK HELEN

ROLLANDER SLR

WILLIAM ROLLANDER

DETETIVE INSPETOR OGDEN

SARGENTO DE POLÍCIA PEARCE

## SEQUÊNCIA DAS CENAS

### ATO I

Cena I: Uma tarde no início da primavera

Cena II: Duas semanas mais tarde. À tarde

### ATO II

Cena I: Quatro dias mais tarde. Cerca do meio-dia

Cena II: Duas semanas mais tarde. À tarde

Cena III: Dois meses mais tarde. Fim de tarde

Época: a da composição da peça

## **Ato Um** **Cena I**

CENÁRIO: Sala de estar do apartamento do

PROFESSOR

HENDRYK, no bairro de Bloomsbury, em Londres.

O apartamento é o andar superior de uma das velhas casas de Bloomsbury. Trata-se de uma saía de belas proporções, com mobília confortável e antiquada. A característica que mais imediatamente chama a atenção é o número de livros: livros por toda parte, em estantes nas paredes, sobre as mesas, nas cadeiras, no sofá e empilhados no chão. Uma

porta de duas folhas abre para um hall, onde a porta de entrada fica à DA e um corredor à EA que leva à cozinha. Também á D fica a porta do quarto de LISA. Nasala, a porta do quarto de ANYA fica à DB, e à EA uma porta de vidros de caixilho abre para um pequeno balcão, com grades envoltas em hera que dá para a rua embaixo e para um correr de casas em frente. A escrivaninha de KARL em frente à porta do balcão e tem uma cadeira em frente a ela. Está recoberta de livros, ao lado de um telefone, mata-borrão, agenda, etc. Abaixo da escrivaninha ha um pequeno armário para se guardar discos, cheio de discos, mais livros e folhas cobertas de anotações para aulas. Em cima do mesmo há um toca-discos. Nas paredes de ambos os lados da porta grande ao fundo há estantes; abaixo da do lado E fica a pequena mesa de trabalho de ANYA. Entre a porta dupla e a estante da E há uma mesa redonda, de três andares, com livros nos dois de baixo e uma planta no do alto. De encontro à parede abaixo da porta à D há um pequeno consolo com uma planta em cima e livros empilhados embaixo. Pendurado na parede acima da porta à EB há um pequeno conjunto de prateleiras com mais livros e os remédios de ANYA em um canto. Embaixo dessas prateleiras há um pequeno armário cheio com mais livros. O armário para louças fica embaixo. Em frente às prateleiras há uma escada de biblioteca. Um sofá fica à oc, com uma mesa redonda atrás dele. Há cadeiras acima e à mesa. Há livros sobre as

três peças de mobiliário. Uma grande poltrona de couro vermelho fica à EC, com ainda mais livros em cima. À noite a sala é iluminada por uma arandela de cada lado da porta de vidro e por lâmpadas de pé sobre a mesa, na escrivaninha e no armário à D. Há comutadores à E da porta dupla. No hall de entrada há uma cadeira à D da porta do quarto.

Quando o pano se abre a porta dupla, ao fundo, está aberta e o palco às escuras. Ao acenderem as lutes LESTER COLE está precariamente equilibrado na escada da biblioteca. É um rapaz desajeitado, mas simpático, com cerca de vinte e quatro anos. Suas roupas são surradas e pobres, e tem o cabelo despenteado. Há uma pilha de livros no alto da escada. LESTER se estica para alcançar a prateleira de cima, vai pegando um livro aqui e ali, folheia-o, coloca-o na pilha da escada ou devolve-o à prateleira.

SRA. ROPER: (Fora DE do hall.) Muito bem, Srta. Koletzky, eu providencio antes de ir para casa. (A SRA. ROPER entra vindo da E do hall. É a faxineira e tem um ar sonso e desagradável. Carrega suas roupas de rua e uma sacola de compras. Cruza para a D do hall, depois volta, muito sorrateiramente, entrando na sala com as costas de encontro à porta da D. Desliza até o lado B da escrivaninha, onde há um maço de cigarros. Está a ponto de roubá-lo quando LESTER fecha um livro com ruído. A SRA. ROPER, com tremendo susto, gira rapidamente.) Ora, Sr. Cole, eu não sabia que o senhor estava aí. (LESTER vai devolver o livro

à prateleira de cima e quase se desequilibra.) Tenha cuidado! (Deposita sua sacola no chão.) Essa coisa não é segura; mas não é, mesmo. (Coloca o chapéu.) Pode desabar a qualquer momento — e aí onde é que o senhor ia parar? (Veste o casaco.)

LESTER: Quem sabe, não é? (As luzes começam a baixar com o crepúsculo.)

SRA. ROPEER: Ainda ontem eu li no jornal que um senhor caiu de uma escada na biblioteca. Na hora, pensaram que não era nada — depois teve de ser levado a toda pressa para o hospital. (Põe a écharpe em torno do pescoço.) Com uma costela quebrada que enfiou no pulmão. (Com grande satisfação.) E no dia seguinte — estava morto!

LESTER: Que jornais animadores a senhora lê, Sra. Roper. (Interessado em um livro, esquece a SRA. ROPEER.)

SRA. ROPEER: E vai acontecer o mesmo com o senhor se continuar a se esticar desse jeito. (Olha para os cigarros. Vendo que LESTER não está reparando nela, esgueira-se, cantarola baixinho e esvazia o maço de cigarros em seu bolso. Segurando o maço vazio.) Veja só! O professor está de novo sem cigarros. (Um relógio bate cinco horas.) É melhor eu ir comprar um maço novo, antes que a loja feche. Diga á Srta. Koletzky que não demoro para ir buscar a roupa lavada. (Pega sua sacola, vai para o hall.) Até logo! (Ela sai pela D. do hall. Ouve-se a porta da frente abrir e fechar.)

LESTER: (Sem tirar o nariz do livro.) Pode deixar que eu digo. (Bate a porta à E do hall, LESTER dá um



pulo, derruba a pilha de livros do alto da escada. LISA KOLETZKY entra ao CA, da E. É uma mulher alta, bonita e morena, de 35 anos, de personalidade forte e um tanto enigmática. Carrega uma bolsa de água quente.) Desculpe, Srta. Koletzky; eu apanho. (Desce e junta os livros.)

LISA: Não importa. Alguns livros a mais ou a menos, por aqui, não significam nada.

LESTER: É que a senhorita me assustou. Como está a Sra. Hendryk?

LISA: Como sempre. Queixa-se do frio. Estou levando outra bolsa.

LESTER: Ela está doente há muito tempo?

LISA: Cinco anos.

LESTER: Será que algum dia ela vai melhorar?

LISA: Ela tem dias bons e dias maus.

LESTER: Eu sei; mas eu estava falando de melhorar mesmo. (LISA sacode a cabeça.) Puxa, isso é duro, não é?

LISA. (Com o ar pouco à vontade de uma estrangeira.) É como diz: "Puxa, isso é duro"...

LESTER: Os médicos não podem fazer nada?

LISA. Não. Ela sofre de uma dessas doenças para as quais hoje em dia ainda não há cura. É possível que um dia ainda a encontrem. Nesse meio tempo... (dá de ombros) ela nunca vai conseguir melhorar. A cada mês, a cada ano, ela fica um pouco mais fraca. Mas pode durar ainda muitos e muitos anos.

LESTER: Sim, isso é duro. Duro para ele.

LISA: É como diz, muito duro para ele.

LESTER: Ele é muito bom para ela, não é?

LISA: Ele gosta muito dela.

LESTER: Como era ela, quando jovem?

LISA: Muito bonita. Sim, uma menina linda, loura, de olhos azuis e sempre sorrindo.

LESTER. (Perplexo.) Sabe, isso me assusta. Quero dizer — o que o tempo faz com a gente. Como as pessoas mudam. Quero dizer, é impossível saber o que é real e o que não é — ou se alguma coisa é real.

LISA: Esta bolsa me parece muito real. (Sai, pela DB, deixando a porta aberta. Ouve-se LISA conversando com ANYA, porém não o suficiente para se compreender o que dizem. LISA volta à DB.)

LESTER: (Culpado.) O professor disse que eu podia pegar tudo o que quisesse.

LISA: Naturalmente, se ele disse que sim.

LESTER. Ele é maravilhoso, não é?

LISA: (Absorta com um livro.) Hmm?

LESTER: O Professor. É maravilhoso. Nós todos achamos, todos. Todo mundo está muito entusiasmado. O jeito com que ele fala das coisas. Todo o passado parece ficar vivo, de novo. (Pausa.) Quero dizer, quando ele fala se percebe o que tudo aquilo quer dizer. Ele é bem fora do comum, não é?

LISA: Ele tem um cérebro de primeira água.

LESTER: Que sorte a nossa ele ter de sair do país dele e ter vindo para cá. Mas não é só o cérebro, sabe? É uma outra coisa.

LISA: (Pega um volume de Walter Savage Landor.) Eu compreendo o que você quer dizer.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

